

4 - GLOBALIZAÇÃO, POBREZA E EMPREENDEDORISMO SOCIAL: O EMERGIR DE NOVAS AÇÕES NO ENFRENTAMENTO DAS NOVAS EXPRESSÕES DA QUESTÃO SOCIAL – LIMITES E POSSIBILIDADES

AUTOR: Edson Marques Oliveira, docente da Unioeste, campus de Toledo-PR e doutorando em Serviço Social na Unesp, campus de Franca-SP - emo37@bol.com.br

RESUMO

O presente artigo, é resultado preliminar da pesquisa de doutoramento em Serviço Social, na Unesp-Franca-SP, tendo como objeto, o empreendedorismo social, partindo da hipótese que o mesmo, se apresenta como uma alternativa emergente de desenvolvimento humano e de emancipação social frente às ações de combate á pobreza, expressão mais nítida das múltiplas dimensões da questão social. Como escopo, propomos uma reflexão frente aos inúmeros impactos da atual globalização. Destacamos o surgimento de um novo tipo de pobreza. A pobreza perceptiva, que é gerada pela mídia e informação em massa, produzindo um grau de alienação que impede a transformação social junto aos espaços e das questões públicas e coletivas. Surgem várias alternativas para enfrentar as dimensões da nova pobreza globalizada, entre elas o empreendedorismo social. Mas o mesmo apresenta limitações, nas dimensões política e formal. Estas limitações precisam ser superadas. Propomos o Empreendedorismo Social Solidário, como uma perspectiva crítica, criativa e integradora. cremos que tais elementos devem ser considerados quanto ao processo de cooperação internacional, principalmente considerando que estes fatores são problemas universais e que afetam as relações comerciais e de gestão de empresas.

ÁREA TEMÁTICA: Fatores e aspectos de acordos de cooperação Brasil-França: políticas financeiras, de recursos humano, de transferência de tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE: Questão social, pobreza, emancipação social, desenvolvimento humano, empreendedorismo social, gestão de recursos humanos.

GLOBALIZAÇÃO, POBREZA E EMPREENDEDORISMO SOCIAL: O EMERGIR DE NOVAS AÇÕES NO ENFRENTAMENTO DAS NOVAS EXPRESSÕES DA QUESTÃO SOCIAL – LIMITES E POSSIBILIDADES

AUTOR: Edson Marques Oliveira, docente da Unioeste, campus de Toledo-PR e doutorando em Serviço Social na Unesp, campus de Franca-SP.

RESUMO

O presente artigo, é resultado preliminar da pesquisa de doutoramento em Serviço Social, na Unesp-Franca-SP, tendo como objeto, o empreendedorismo social, partindo da hipótese que o mesmo, se apresenta como uma alternativa emergente de desenvolvimento humano e de emancipação social frente às ações de combate á pobreza, expressão mais nítida das múltiplas dimensões da questão social. Como escopo, propomos uma reflexão frente aos inúmeros impactos da atual globalização. Destacamos o surgimento de um novo tipo de pobreza. A pobreza perceptiva, que é gerada pela mídia e informação em massa, produzindo um grau de alienação que impede a transformação social junto aos espaços e das questões públicas e coletivas. Surgem várias alternativas para enfrentar as dimensões da nova pobreza globalizada, entre elas o empreendedorismo social. Mas o mesmo apresenta limitações, nas dimensões política e formal. Estas limitações precisam ser superadas. Propomos o Empreendedorismo Social Solidário, como uma perspectiva crítica, criativa e integradora. Cremos que tais elementos devem ser considerados quanto ao processo de cooperação internacional, principalmente considerando que estes fatores são problemas universais e que afetam as relações comerciais e de gestão de empresas.

ÁREA TEMÁTICA: Fatores e aspectos de acordos de cooperação Brasil-França: políticas financeiras, de recursos humano, de transferência de tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE: Questão social, pobreza, emancipação social, desenvolvimento humano, empreendedorismo social, gestão de recursos humanos.

INTRODUÇÃO

O objetivo maior do presente trabalho, é apresentar os resultados preliminares do estudo exploratório e bibliográfico do projeto de doutoramento em Serviço Social, Unesp- Franca, com a temática: Globalização, pobreza e empreendedorismo social: o emergir de novas estratégias de emancipação social e desenvolvimento humano sustentável”. Procuramos salientar os primeiros elementos constitutivos da gênese do empreendedorismo social e sua relação com as dimensões e impactos da globalização, em específico das novas formas de pobreza, a qual traz novas expressões da questão social. Logo, procuramos explicitar, em linhas gerais e preliminares, os limites e possibilidades do empreendedorismo social como uma ação emancipadora e de desenvolvimento humano sustentável, bem como, e a necessidade de sua superação. E nesta perspectiva é que fazemos, a titulo de ensaio uma proposta de superação, a saber o necessário desenvolvimento de um empreendedorismo social solidário. Cremos que tal debate é extremamente relevante para a reflexão do cenário que permeia as atuais e futuras relações internacionais de comercialização e de gestão de empresas e de negócios, pois a atual conjuntura se mostra complexa e requer uma visão ampliada dos vários fatores que interferem nos processos de gestão dos negócios. Desta forma, apresentamos as principais características metodológicas, os principais resultados, a proposição e algumas considerações finais sobre o referido tema, que ao nosso, ver apresenta-se como uma tendência e fator decisivo nas relações internacionais e na realização dos negócios e da gestão de organizações no século XXI.

METODOLOGIA

Trata-se, num primeiro momento, de uma pesquisa exploratória, e bibliográfica. Estabelecendo como categorias centrais de análise: o empreendedorismo social, emancipação social, desenvolvimento humano sustentável e o combate à pobreza como sendo expressão mais concreta da questão social no atual contexto. Foram realizadas pesquisas em livros, artigos e na internet. Elaboração de resumos, fichamento e catalogação de obras, organizações e publicações. Síntese de relatório preliminar e aproximativo do objeto de pesquisa.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Uma análise aproximativa do conceito de empreendedorismo social, face às dimensões históricas da questão social, nos revela que o mesmo apresenta um grande potencial quanto a realizar ações de impacto no campo social, no entanto, o mesmo apresenta certa limitação no que entendemos como qualidade política (ética, política, ideologia, etc.), pois o mesmo gera um grau de despolitização coletiva do entendimento e tratamento das questões públicas, a este respeito mais a frente daremos o devido enfoque. Mas, para melhor entendermos, tanto estas limitações, como o potencial de sua qualidade formal (técnicas, metodologia de trabalho), que vem impactando significativamente as novas ações e estratégias de enfrentamento da pobreza na sociedade capitalista globalizada, é preciso que vejamos outros pontos correlacionados. O que poderá nos auxiliar a compreender a nossa proposta alternativa e preliminar, do desenvolvimento de um Empreendedorismo Social Solidário, que alia de modo equilibrado a qualidade formal e política, produzindo ações que são críticas, criativas, integradas e de emancipação social e desenvolvimento humano sustentável. Outro ponto relevante dos dados até o momento levantados, é a polêmica sobre a questão social. A mesma passa por várias compreensões, mas nota-se que fatos concretos sinalizam o surgimento de novos fatores que aliados ao processo histórico da questão social, apresentam novos desafios. Não vamos aprofundar esta discussão, pois o espaço e o objetivo do presente trabalho não é este. Mas procuramos sinalizar, a seguir, os principais pontos que servem de escopo para refletirmos sobre as novas expressões da questão social. Tais mudanças, requerem um novo olhar e agir sobre este amplo e complexo cenário, como bem salientado por Iamamoto (2001, p. 24), ao se referir as necessidades de novas “estratégias do enfrentamento da questão social” pelo Serviço Social, onde a autora salienta: “ Isso requer também estratégias técnico-políticas no campo da comunicação social – no emprego da linguagem escrita oral e midiática -, para o desencadeamento de ações coletivas que viabilizem propostas profissionais capazes para além das demandas institucionais.” Fato este de vital importância para uma leitura mais apropriada da realidade e a possível intervenção e transformação da mesma, onde partimos da hipótese de que o empreendedorismo social apresente condições para esta finalidade. Como procuramos demonstrar a seguir.

Globalização e pobreza: novos e velhos desafios da questão social.

A globalização é sem dúvida um fenômeno complexo e paradoxal, como afirma Souza Santos (2002, p.26) “ Uma revisão dos estudos sobre os processos de globalização mostra-nos que estamos perante um fenômeno multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo.” Entre os inúmeros paradoxos deste processo, nos chama mais a atenção, é a questão da riqueza e pobreza. Os reflexos da globalização desta forma, produzem um impacto visceral, principalmente nos meios de produção, e principalmente das formas de trabalho (Cf. POCHMANN, 2001) onde as desigualdades e a deterioração dos grupos sociais como a família, são profundamente afetados (Cf. KLISBERG, 2001). Tais constatações fazem com que paradoxalmente, surjam novas manifestações contra esta atual globalização (Cf. GOHN, 2002). Mas decorrente a complexidade destes fenômenos, vemos que a pobreza, também assume, “novas” formas de se expressar, necessitando de novos paradigmas e ações para o seu enfrentamento. Portanto, é preciso analisar o processo histórico da configuração da pobreza e seu tratamento, bem como, a configuração da “nova” pobreza, para que possamos ter claro os desafios,

os limites e as possibilidades de ações como o empreendedorismo social para o desenvolvimento humano sustentável e a emancipação social.

Breve Histórico do Desenvolvimento e Tratamento da Pobreza

Vamos dividir a nossa análise em quatro Eras, e verificar que na atualidade, surge um novo tipo de pobreza, que requer uma nova Era, e um novo olhar para este velho problema que é a pobreza.

Era da ajuda pela ajuda: Período da pré-história, os povos humanos viviam como nômades, passando para um sistema sedentário, dominando o plantio de alimentos, a caça e a pesca.

Organizavam-se em tribos ou clãs, os pobres eram os acometidos por doenças, catástrofes naturais ou guerras. As vítimas, ou desamparados, órfãos, idosos, viúvas, doentes, eram tratados pela tribo ou clã a que pertenciam.

Era da Caridade: Período medieval, onde as formas de produção e dominação política eram caracterizadas do resultado da dominação de grandes impérios, como o Romano, e posteriormente pelo domínio religioso e político da Igreja cristã. Os pobres eram os desprovidos de bens, riquezas e títulos de nobreza. A forma de escravidão predominava em conjunto com a submissão ao império. A pobreza era entendida como “destino” divino. A caridade e benemerência dos “senhores” e religiosos eram as formas de entender e tratar a pobreza. O governo se restringia a ações do tipo “pão e circo”.

Era da Filantropia: Marco divisor do desenvolvimento dos meios de produção, que passando do feudalismo, mercantilismo, já anunciava a passagem para o capitalismo. Causando sérios impactos sociais, aonde grandes multidões vinham da área rural para a urbana a busca de emprego. Os pobres, são os que não possuem o capital e meios de produção, além de sua própria força de trabalho, e o ganho desta troca, bem como, as condições de vida, são insuficientes e injustas para um viver melhor. O Estado, apresenta algumas leis e “garantias” sociais, vai assumindo uma maior participação neste processo. A filantropia, ou ajuda da nobreza, de forma organizada, destaca-se como elemento propulsor de uma forma específica de tratar a pobreza.

Era das Políticas Sociais: Já em meados do século XX, e com o desenvolvimento tecnológico dos meios de produção e forma social e política de organização das chamadas sociedades modernas, a pobreza também assume novos contornos. É “preocupação” constante dos organismos internacionais, das grandes potências. Esta Era é caracterizada pelo pós II Guerra Mundial, onde a pobreza decorrente aos resultados da guerra, bem como, do cenário econômico internacional, recebe um novo tratamento, onde o Estado, principalmente dos países de primeiro mundo, assumem a questão social como sendo sua responsabilidade, surge a noção de Estado de direito, as políticas de atendimento e amparo social, a seguridade social e, principalmente, o chamado *Welfare State*, ou Estado de Bem-Estar Social. Neste sentido, e a partir deste breve histórico, podemos concluir que pobreza: a) não é coisa do acaso ou desvio moral; b) pobreza não é só responsabilidade de religiosos ou de pessoas “bem intencionadas”; c) pobreza não atinge só o corpo, mas a alma, a consciência, a auto-estima, a dignidade de vida; d) o combate

à pobreza, não se restringe a ações “humanitárias”, mas é, antes de tudo, uma questão política de direitos e deveres, é um processo resultante da injustiça social, da injusta distribuição e redistribuição de renda, falta de serviços e condições de auto-sustentabilidade de uma parcela significativa da humanidade, é histórica, não só estrutural é política; e) a pobreza ao longo da história da humanidade se mostra como um processo intencionalmente dado vinculado a propósitos de uma minoria que almeja o poder em detrimento de uma grande massa, que só serve ao interesse de acumulação de bens e riquezas, produzindo a indignação, injustiça e desigualdade de direito à vida. Portanto, o entendimento da pobreza e seu tratamento, devem passar por mudanças radicais, tanto para quem é “assiste”, “ajuda”, como quem “recebe”, é “ajudado”. Pois, “se o pobre não descobrir um dia que pobreza é injustiça, não chegará a tornar-se sujeito de seu próprio destino” (DEMO, 1991, p.7).

A nova expressão da questão social e da pobreza globalizada – A Pobreza Perceptiva

A globalização produz vários efeitos, segundo Ferrara (1997), analisando, o poder de interferência na percepção da sociedade quanto a esta nova formatação do mundo global, tendo a TV como principal meio de comunicação e manipulação, onde é transmitindo e disseminando valores de consumo e de alienação dos objetos. É passado a ilusão de termos o global dentro de nossa casa (local), gerando um processo de *feitiche mercadológico* afastando a compreensão e leitura mais crítica da realidade, reforçando a mera leitura mecânica das informações transmitidas em tempo real e em grande escala. Como conclui a autora:

[...] o que se globaliza não é o mapa do mundo, mas a percepção desse mundo feito de fragmentos globais e diferentes ao mesmo tempo: o espaço global só se revela pelo encontro do particular fragmentado, mas reconhecido. Desse modo, entende-se o planeta como um organismo onde a ruptura, a decadência ou o subdesenvolvimento de qualquer parte será fatal para o todo. Apenas nesse sentido, pode-se entender o desenho de um novo mapa do mundo. Construir esse mapa supõe rejeitar as prerrogativas que sustentam a mentalidade cultural do Primeiro Mundo como território civilizado, secundado pelos mais pobres que a ele se subordinam [...] para que um país subdesenvolvido tenha condição de processar uma informação integrada com sua realidade, é indispensável uma cirurgia perceptiva que desnude a passividade e a solidão de uma recepção mecanicamente manipulada [...] Essa consciência supõe não apenas desenhar um novo mapa mas construir uma insólita arquitetura do mundo onde todos, desenvolvidos e subdesenvolvidos, sejam capazes de produzir uma informação diversificada, apoiada nas particularidades locais que sustentam uma diferente cultura global, onde todos serão mais capazes de avançar do que de acompanhar. (p. 170/171)

Estes efeitos, ficam mais evidentes, em outro trabalho da autora, (Cf. FERRARA, 1993), é apresentado uma pesquisa de percepção espacial, utilizando a técnica de fotografia e com base na teoria da percepção semiótica em Peirce (Cf. SANTAELLA, 1993). O resultado é que grande parte das fotos e depoimentos, não identificam os espaços e problemas coletivos, nem públicos, mas centralizam o espaço privado, a casa e a relação com a posse de bens, o que leva a autora concluir.

A sociedade de consumo, marcada por certa especialidade técnica no campo de trabalho, e sobretudo, pelo vintém poupado que permite o acesso, ainda que superficial, ao mundo do

valor de posse, privatiza as aspirações coletivas e as centraliza na habitação e na tecnologia dos objetos, que isolam ao mesmo tempo que satisfazem [...] Vivencia-se uma mudança perceptiva que as populações periféricas têm do seu espaço e, conseqüentemente, de si mesmas, coloca-se em questão a cooperação mútua, a coesão e ação coletiva. [...] Não se processa à transformação social, porque não se cria o significado do lugar urbano como coletivo, capaz de elaborar, argumentar e produzir idéias e ações, ainda que contraditórias. Elimina-se o espaço urbano como aquele onde são gerados os valores do debate, da opinião: o espaço como signo de coisa viva em processo. (idem, p.125)

Se considerarmos estes fatos, aliados aos últimos dados do censo 2000 do IBGE, onde mais de 50% dos brasileiros se encontram na linha de pobreza, um dos produtos mais vendidos, cerca de 47% de aumento nos últimos dez anos, foi a televisão; e que cerca de 85% da população tem um aparelho, e que os atuais donos dos meios de comunicação são os mesmos que dominam a política e a economia (Cf. OLIVEIRA, 1996, p. 50), podemos concluir que na globalização atual, temos que enfrentar um outro tipo de pobreza, a da perceptiva. O que demanda novas formas de enfrentamento da pobreza. Como fazer isto ? Primeiramente, mudando o modo de ver (paradigma) e entender a pobreza e segundo, potencializando ações eficientes e eficazes na perspectiva de gerar emancipação social e desenvolvimento humano, a partir da qualidade formal e política.

O Desafio da Qualidade na Emancipação Social e do Desenvolvimento Humano Sustentável

Por qualidade, estamos entendendo algo que vai além dos princípios preconizados pela Qualidade Total. Demo (op.cit.1994) propõe uma outra perspectiva. Para o autor, “ qualidade significa a perfeição de algo diante da expectativa das pessoas.” (op.cit.p,11) . Mas esta expectativa, bem como, sua execução é antes de tudo um ato humano, ou fruto da ação humana, ou seja, “ Com efeito, somente poderia ser intenso aquilo que tem a marca do homem, por ser questão de vivência, consciência, participação, cultura e arte.” (idem). É a partir desta perspectiva, que o conceito de desenvolvimento humano, criado pela ONU, torna-se importante. Segundo, Demo (1996, p.9) “ ... trata o desenvolvimento sob uma única adjetivação, a saber, a humana, tendo deixado de lado outras ainda correntes, mas tidas por ultrapassadas, como a econômica e mesmo a social. Assim, seria o caso falar tão-somente de ‘política de desenvolvimento humano’, e não mais de política econômica, ou social, ou ambiental, ou cultural etc.” Neste sentido, Demo propõe o entendimento de qualidade em duas dimensões, qualidade formal e política. Por qualidade formal, entende-se, “... a habilidade de manejar meios, instrumentos, formas, técnicas, procedimentos diante dos desafios do desenvolvimento. Entre eles, ressaltam manejo e produção de conhecimento. São o expediente primordial de inovação.” (op.cit. DEMO,1994, p.14). E por qualidade política “... a competência do sujeito em termos de se fazer história, diante dos fins históricos da sociedade humana. É condição básica da participação. Dirige-se a fins, valores e conteúdos. É naturalmente ideológica, porque definição política é sua marca, perdendo qualidade, se ideologia se reduzir a justificações desumanas e a partidarismos obtusos. Inclui ética na política.” (idem). Desenvolvimento humano de fato, só é possível com qualidade formal e qualidade política, o que pode ser observado quando as pessoas não precisam mais de “ajuda”, o que só ocorre quando alcançam a emancipação social. Que segundo Souza Santos, (2002, p.27), “... só haverá emancipação social na medida em que houver resistência a todas as formas de poder.” Poder aqui entendido, que não permite a solução dos problemas, mas ao contrario, dá propositalmente, manutenção, o que impede o real desenvolvimento humano, e ainda, como afirma Demo (op.cit, DEMO, 2001, p.56) “... ninguém se emancipa sem ajuda, mas emancipar-se é especificamente saber dispensar ajuda [...] Mais que ajudar, trata-se de saber ajudar em mão dupla: no ajudado, é mister emergir capacidade crítica e autocrítica dos riscos da ajuda, de sua necessidade e sua dispensa; no doador, é mister haver a mesma consciência para evitar a estigmatização do pobre e para sair da cena.”

O surgimento de novas ações de combate à nova expressão da questão social e da pobreza globalizada.

O espaço não nos permite alongar neste ponto, mas é de fundamental importância evidenciarmos que na atualidade, são inúmeras as ações que surgem com vistas a mudar a ordem vigente. As modalidades destas ações são diversas e paradoxais: Comunidade Solidária (Cf. SILVA E SILVA, 2001), programas federais, estaduais e municipais (Cf. PUCHMANN, 2002), ações do Terceiro Setor, (Cf. GOUVEIA, 2001), economia solidária (Cf. KLIKSBERG, 1997), responsabilidade social empresarial, ou filantropia empresarial (Cf. NETO E FROES, 2001,). Desta última, surge uma ação, que ao nosso ver, assume destaque entre tantas outras propostas, ou seja, o empreendedorismo social.

O Empreendedorismo Social, Emancipação Social e o Desenvolvimento Humano sustentável – Limites e Possibilidades

Para melhor compreensão de nossa análise, destacamos alguns pontos de maior importância para a compreensão do empreendedorismo social no Brasil, e na atualidade, bem como, sua atual configuração e perspectiva.

Gêneses do Empreendedorismo Social

A gênese do empreendedorismo social, tem início no campo empresarial, se configura como uma derivação do empreendedorismo clássico. A palavra Empreendedorismo é derivada da palavra francesa *entrepreneur*, que significa: “aquele que assume riscos e começa algo novo” (DORNELAS, 2001, p.26). Sua principal definição e arcabouço teórico tem origem nas teorias dos economistas Jean-Baptiste Say (1827) e de Joseph Schumpeter (1949). Na atualidade é entendido como empreendedor: “... aquele que detecta uma oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre ela, assumindo riscos calculados.” (idem, p.37); ou ainda: “ empreendedor é alguém capaz de desenvolver uma visão, mas não só. Deve saber persuadir terceiros, sócios, colaboradores, investidores, convencê-los de que sua visão poderá levar todos a uma situação confortável no futuro [...] é alguém que acredita que pode colocar a sorte a seu favor, por entender que ela é produto do trabalho duro [...] o empreendedor deve conduzir ao desenvolvimento econômico, gerando e distribuindo riquezas e benefícios para a sociedade.” (DOLABELA, 1999, p.44-45). Podemos, deste modo, verificar que a noção de empreendedorismo é transmitida a partir de uma lógica empresarial de fazer negócios. É uma ação de transferência de tecnologias de gestão da área empresarial para a área social, com vistas a criar impactos significativos. Algo semelhante com o que ocorreu na Era da filantropia. Isto fica mais claro quando verificamos as atuais definições de empreendedorismo social.

O que é empreendedorismo social ?

Temos encontrado vários conceitos, mas destacamos os seguintes: “ São aqueles que criam valores sociais por meio da inovação e da força de recursos financeiros, independente da sua origem, visando ao desenvolvimento social, econômico e comunitário.” (Clinppin Terceiro Setor nº 565, www.academiasocial.org.br). E outros como: “ Os empreendedores sociais devem possuir ideais inovadoras para mudar o modelo da sociedade [...] parte de uma única qualidade organizacional para perseguir sua visão até tornar-se uma realidade socialmente extensa.” (idem). E como “ ... uma profissão em crescimento na atualidade, em decorrência dos processos de democratização e abertura econômica da maioria dos países. Não só surgem mais indivíduos que se dedicam a esta profissão, como também cresce a visibilidade e o reconhecimento que a sociedade dão a eles.”(Ashoka, 2002). A partir destes conceitos, podemos ver como esta perspectiva está arraigada

as suas origens empresarias, o que pode ser considerado positivo (possibilidades) ou negativo (limite) quanto a perspectiva de emancipação social e desenvolvimento humano sustentável, como mostraremos mais a frente após verificarmos outras características importantes do empreendedorismo social.

Quais as principais características ?

Metas, objetivos e motivações:

Em linhas gerais, são profissionais do terceiro setor, que desenvolvem projetos que têm duas motivações, metas, objetivos, básicos: “ a) ... o desejo social natural de mudar frequentemente os benefícios de uma inovação, de uma organização empreendedora e de uma organização baseada na solução [...] b) ... a sustentabilidade da organização e a diversificação dos seus serviços requerem capital, frequentemente incluindo a criação de lucro ou uma sociedade com organização lucrativa.” (Clipping, nº 565, www.academiasocial.org.br)

Perfil esperado do empreendedor:

Segundo a Ashoka, uma ONG internacional, que está aqui no Brasil desde 1986, e vem desenvolvendo o trabalho de sustentação e treinamento de empreendimentos e empreendedores sociais, no Brasil, que atualmente são mais de 200. No mundo, são mais de 1.000, (Cf. www.ashoka.or.br). O perfil desejado do empreendedor social na atualidade seria: 1) Ter uma ideia nova, 2) Criatividade, 3) Personalidade empreendedora (Visão de futuro), 3) Ideias e ações de impacto social significativo, 4) Ter ética, 5) Ser confiável.

Modo de operacionalizar o trabalho(metodologia):

Ainda, segundo a Ashoka, assim como no mundo dos negócios, todo o empreendimento social, tem um Ciclo de Vida, que seria o seguinte: 1) Estudo e diagnóstico de uma situação problema; 2) Concretiza a ideia, colocar em prática o que foi idealizado, planejado; 3) Maturação da ideia, estabilização da ideia, momento de expandir ou duplicá-la.

Resultados e contribuições.

Segundo Rouer e Pádua (org.) (2001, p.13), “... a contribuição efetiva de empreendedores sociais inovadores, cujo protagonismo na área social produz desenvolvimento sustentado, qualidade de vida e mudança de paradigmas de atuação em benefícios de comunidades menos privilegiadas [...] gera formulações de ‘emponderamento’, devidamente adaptadas a realidades sociais diferenciadas e capazes de se converter em caminho de sucesso no combate à pobreza e à degradação humana e ambiental.” Resulta, desta forma em ações que mexem como a comunidade, fortalece laços, trazem esperança e possibilidade de participação das pessoas para resolverem seus próprios problemas. Além de motivar e estimular os trabalhadores deste setor, de maneira a criar, mais do que o altruísmo costumeiro, uma visão e sentido de profissionalismo. Que podemos verificar no seguinte depoimento de um empreendedor social da Ashoka. “ Quando a Ashoka investiu em mim, senti como se alguém finalmente tivesse acreditado em mim. Eu passei a ser reconhecido como um profissional, como um empreendedor social. Só então outras organizações começaram a me respeitar e dar suporte para o trabalho que eu estava fazendo.” [Rodrigo Baggio, Presidente do Comitê de Democratização da Informática] (in: www.ashoka.org.br, Ashoka na imprensa, extraído em 16/2/2001) Estes elementos, ao nosso ver, são fundamentais para o desenvolvimento humano e para a emancipação social, não que não sejam suficientes, mas face a complexidade dos problemas do cenário imposto pela nova pobreza globalizada, a questão assume outras dimensões. Como veremos mais adiante.

Perspectivas.

A Ashoka, tem atualmente cerca de 200 empreendedores, só no Brasil, ao todo são mais de 1.000 espalhados por todo o mundo. Sua principal meta é disseminar o empreendedorismo como uma profissão, potencializar organizações e indivíduos do terceiro Setor, para serem auto-suficientes, como afirma o seu fundador, “ Não desejamos que se tornem dependentes de nós [...] Nós os ajudamos até que se tornem independentes e isto normalmente acontece em menos de três anos.” (cf. Clipping Terceiro Setor, nº 540, in: www.academiasocial.org.br), neste sentido a perspectiva que se aponta é a seguinte: “ É uma profissão que veio para ficar. Estamos assistindo à sua decolagem e construindo sua institucionalização. Dedicados à árdua tarefa de mudar paradigmas sociais, os empreendedores sociais estão nos deixando como legado e usufruto uma sociedade mais vibrante, ativa e participante.” (cf. www.ashoka.org.br, Ashoka na imprensa, fev/2002). Comovemos, a intenção é institucionalizar esta atividade como uma profissão, e em certa medida ignorando a existência de outras já a muito tempo consolidadas, como é o caso do Serviço Social e dos assistentes sociais. O fato é que esta atividade ganha notoriedade e espaços significativos. O que requer do Serviço Social, novas posturas e estratégias para fazer frente a este processo “competitivo” de espaço de trabalho.

Limites e possibilidades do empreendedorismo social para a emancipação social e o desenvolvimento humano

Verificamos que as possibilidades do empreendedorismo social, são evidenciados na materialização do que Demo (op.cit.1994) chama de qualidade formal, ou seja, o empreendedorismo social traz do campo empresarial ferramentas de grande potencial para a elevação da qualidade da gestão destas organizações (Cf. ASHOKA E MCKINSEY, 2001; HUDSON,1999), desta forma as possibilidades são nítidas, principalmente, e decorrente, aos resultados, o que permite destacar os seguintes elementos como sendo de possibilidades: 1) Gera dinamismo e objetividade; 2) Gera resultados sociais de impacto; 3) Criar capital social e empoderamento; 4) Resgata auto-estima e visão de futuro; 5) É dinâmico, cativa e motiva as pessoas ao engajamento cívico; 6) Ênfase na geração de novos valores e mudança de paradigmas. Mas o crescimento do empreendedorismo social se dá em meio a um processo histórico mais amplo. O das políticas sociais no Brasil. Que tem oscilando entre um estilo filantrópico, que não resolve o problema, e ao contrario, o tem agravado mais; e, entre ações de políticas sociais de direito, que priorizam uma relação mais de cidadania e de direitos do que de caridade. (Cf MESTRINER, 2001). Paoli, (2002), aponta vários fatores favoráveis neste processo, no sentido de que, todo a ajuda para eliminar a pobreza é bem vida, mas de, “ boas intenções o inferno esta cheio”, não basta querer ser bom, fazer o bem, é preciso ter uma consciência crítica sobre este fazer. E aqui reside a limitação do empreendedorismo social, em possibilitar o desenvolvimento humano e a emancipação social, a qualidade política, como sinaliza Paoli.

[...]creio ser importante esclarecer minha hipótese de que o sentido da ‘filantropia empresarial cidadã’ e de sua auto-investida responsabilidade social no Brasil está indiretamente ligada à substituição da idéia de deliberação participativa ampliada sobre os bens públicos pela noção de gestão eficaz de recursos sociais, cuja distribuição é decidida aleatória e privativamente. Nesse sentido, são práticas que desmancham a referência pública e política para reduzir as injustiças sociais [...] Apenas pela participação no sentido e espaço dos direitos é que podem ser configuradas novas formas de resistência e de sociabilidade que, em si mesmas, são opostas às vazias idéias de futuro, sem crítica e sem projetos, das variantes mercantis do neoliberalismo. (idem, p. 413, grifo nosso)

Ao apontar esta, limitação, não cremos que seja um impasse, ou um motivo para repudiarmos e negarmos o empreendedorismo social, pois ao contrário, o empreendedorismo social, conta com um

fator de máxima importância, que muitos projetos governamentais e movimentos sociais, não conseguem obter, a confiança, motivação e envolvimento das pessoas em causas sociais. Os resultados são estimulantes e apontam para ações que podem produzir a dinamização dos espaços públicos e as lutas coletivas. Para esta superação, estamos, a título de ensaio, propondo o desenvolvimento do Empreendedorismo Social Solidário.

Por um novo paradigma no enfrentamento das novas expressões da questão social – O Empreendedorismo Social Solidário

Em linhas gerais, propomos como forma de superar as limitações da qualidade política, o Empreendedorismo Social Solidário. O mesmo busca não fazer uma mera transposição de ferramentas e princípios de gestão da área empresarial para a área social. Procura ter uma abordagem diferente, ou seja, “... envolvimento com a causa dos excluídos, não aquela para salvar o próprio pelo. Indicava, sem sobra de dúvida, a necessidade de redistribuir renda e terra, muito além da mera distribuição. Neste sentido, solidariedade que não implica reestruturar as desigualdades sociais é farsa.” (DEMO, op.cit. 2001, p. 68) [grifo nosso]. Ter sobretudo, humildade de considerar que, temos muito à aprender, como ensinar e trocar experiências com outros trabalhadores do campo social, exemplo, assistentes sociais. Outra medida é que os empreendedores sociais, participem e influenciem os espaços públicos já consolidados com sua filosofia e ferramentas de trabalho, e não os ignore. Estes espaços ao nosso ver são os conselhos municipais, frutos dos processos de descentralização e consolidação das políticas públicas, seja da criança e do adolescente, da assistência social, da saúde, etc. É preciso fortalecer e caminharmos juntos, e como ressalta Maturana (1997) “... ser social envolve sempre ir com o outro, e só se vai livremente com quem se ama.” (idem, p.206). Desta forma, vamos fortalecer os laços de amor, fraternidade, cooperação e efetiva solidariedade, pois todos, indistintamente, estão no mesmo barco (sociedade) e todos somos responsáveis pelo rumo que estamos tomando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos refletir sobre o aprofundamento e ampliação do entendimento do empreendedorismo social no Brasil, na atualidade. Ressaltando, sobretudo, a busca do equilíbrio entre a qualidade formal e política, com vistas ao desenvolvimento humano sustentável e a emancipação social. Que a compreensão, bem como, o tratamento da nova pobreza na globalização atual, que se apresenta como uma nova dimensão da expressão da questão social no Brasil, requer uma inovação nas formas de seu enfrentamento, bem como, afim de gerar autonomia e não paternalismo junto aos seus usuários. O empreendedorismo social, é sem dúvida, uma alternativa emergente para esta finalidade. No entanto, apresenta limitações relacionadas a dimensão da qualidade política, que pode e deve ser sanada. Uma proposta é que se desenvolva o Empreendedorismo Social Solidário, que antes de tudo procura se integrar, formal e politicamente nas esferas públicas, governamentais e não governamentais, de modo a gerar e potencializar a participação cidadã, a democratização e o debate da coisa pública, respeitando os avanços dos espaços de gestão pública já conquistados (ex. Conselhos municipais de assistência social) e servindo de elemento catalisador e integrador das formas de cooperação e fortalecimento do amor, da fraternidade e solidariedade. Finalizando faço minha as palavras do Profeta Jeremias, que ao constatar a dor e sofrimento de seu povo conclui: **“Quero trazer à memória o que me pode dar esperança.”** (Lamentações 3,21). Que, sempre, possamos lembrar que existe muitos empreendedores sociais, querendo mudar o mundo. E que haja em todos nós, um empreendedor social solidário, pois são estes que estão destinados a mover e transformar o mundo.

E, em se tratando da gestão de negócios, e de relações comerciais, é extremamente importante estar atento a estas dimensões, bem como, planejar ações estratégicas comerciais que considerem estas dimensões, não só para a melhoria da imagem das empresas, mas primordialmente como um

compromisso com valores de justiça e solidariedade efetivas, onde o ser humano é considerado mais do que um recurso, mesmo que seja, humano, mas sim, um ser dotado de capacidades e condições de dar vida nova em suas ações. Saibamos trazer a memória o que nos traga esperança e que saibamos plantar no presente as sementes corretas para colhermos os frutos mais saborosos que a vida nos possa dar, entre eles, paz, amor, prosperidade e sucesso para todos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

- ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS e MACKISEY e Cia. Inc. **Empreendimentos sociais sustentáveis** São Paulo: Peirópolis, 2001
- DEMO, Pedro **Educação e Qualidade** São Paulo: Papyrus, 1994
- DEMO, Pedro **Pobreza Política** São Paulo: Fundação Konrad-Adenauer – Stiftung, 1993
- DEMO, Pedro **Assistência Social – pobreza estrutural refletindo sobre impasses e desafios** Brasília: IPEA/CPS, 1991 (mimeo)
- DEMO, Pedro **Combate a pobreza: desenvolvimento como oportunidade** São Paulo: Autores Associados, 1996
- DEMO, Pedro Brincando de solidariedade: política social de primeira dama in: SILVA e DORNELAS, José Carlos Assis **Empreendedorismo: transformando idéias em negócio** Rio de Janeiro: Campus, 2001
- DOLABELA, Fernando **Oficina de empreendedor: a metodologia de ensino que ajuda transformar conhecimento em riqueza** São Paulo: Cultura Associados, 1999
- FERRARA, Licrécia D’Alessio **Olhar periférico** São Paulo: Edusp, 1993
- FERRARA, Licrécia D’Alessio o mapa do mundo – informação: espaço e lugar in **santos, Milton (org.) O novo mapa do mundo – fim de século e globalização** São Paulo: Hucitec, 1997, p.161
- GOHN, Maria da Glória De Seattle a Gênova: uma radiografia dos movimentos antiglobalização **Caderno Mais, nº 520, p.14-15 Folha de São Paulo** de 27/01/2002
- GOUVEIA, Maria Helena **Fazer o bem, faz bem** São Paulo: Gente, 2001
- HUDSON, Mike **Administrando Organizações do Terceiro Setor: o desafio de administrar sem receita** São Paulo: Makron Book, 1999
- IAMAMOTO, Marilda Villela A questão social no capitalismo **Temporalis n.3** Brasília: ABEPSS, 2001, p. 9-32
- KLIKSBERG, Bernado **Falácias e Mitos do desenvolvimento social** São Paulo: Cortez/Unesco, 2001
- KLIKSBERG, Bernado **O desafio da exclusão: por uma gestão social eficiente** São Paulo: Fundap, 1997
- MATURANA, Humberto **A antologia da realidade** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997
- MESTRINER, Maria Luiza **O Estado entre a filantropia e a assistência social** São Paulo: Cortez, 2001
- OLIVEIRA, Edson Marques Oliveira **O tratamento da informação na prática profissional do assistente social: um estudo de caso** São Paulo: PUC-SP, 1996 (dissertação de mestrado)
- NETO, Francisco Paulo de Melo e FROES, César **Gestão da responsabilidade social corporativa: o caso brasileiro – da filantropia tradicional à filantropia de alto rendimento e ao empreendedorismo social** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001
- PAOLI, Maria Célia Empresas e responsabilidade social: os enredamentos da cidadania no Brasil, in: SOUZA SANTOS, Boaventura de (org.) **Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002 (reinventar a emancipação social: para novos manifestos, n. 1)
- PUCHMANN, Marcio **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e aos caminhos que o Brasil escolheu** São Paulo: Boitempo, 2001

ROUER, Mônica de e PADUA Suzana Machada **Empreendedores sociais em ação** São Paulo: Cultura Associados, 2001

SANTAELLA, Lucia **O que é semiótica** São Paulo: brasiliense, 1993 (coleção primeiros passos)

SILVA e SILVA, Maria Ozanira (coord.) **O comunidade solidária: o não enfrentamento da pobreza no Brasil** São Paulo: Cortez, 2001

SOUZA SANTOS, Boaventura de (org.) **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002

SOUZA SANTOS, Boaventura de (org.) **Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002 (reinventar a emancipação social: para novos manifestos, n. 1)

SOUZA SANTOS, Boaventura **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002 (reinventar a emancipação social: para novos manifestos, n. 2)